

**As cerimônias institucionais e a (re)significação da internação no Leprosário de Marituba no Pará (1940-1970)**

**Institutional ceremonies and the (re)signification of internment at the Marituba Leprosary in Pará (1940-1970)**

**Moisés Levy Pinto Cristo**

Universidade Federal do Pará - UFPA  
Belém/PA – Brasil

**Laura Maria Silva Araújo Alves**

Universidade Federal do Pará - UFPA  
Belém/PA – Brasil

**Maria do Perpétuo Socorro G. de S. A. França**

Universidade do Estado do Pará - UEPA  
Belém/PA – Brasil

**Resumo**

O artigo tem como objetivo analisar as cerimônias institucionais do Leprosário de Marituba-PA, no período 1940 a 1970, como processo de educação dos sentidos e sensibilidades do ex-interno Geraldo, uma cidade hospitalar construída em uma área de 375 hectares de mata virgem, que abrigou hospital, pavilhões, casas, cineteatro, igrejas e tantos outros espaços para internar perpetuamente centenas de vidas que foram infectadas pelo bacilo *Mycobacterium leprae*. Inspirado na história oral temática híbrida, unimos uma fonte oral a fontes documentais como o *Álbum das organizações antileprosas* (1948) e os jornais *O Estado do Pará* (1942) e *Folha do Norte* (1942). Utilizamos como referencial teórico: Bosi (1994), Foucault (2014), Goffman (1974) e Oliveira (2012). O leprosário constitui-se uma cidade da exclusão que ultrapassou a função de segregar para curar e figurou processos de uma educação construída a partir das relações de estímulos dialógicos entre internado e instituição.

**Palavras-chave:** Lepra; Cerimônias institucionais; Educação.

**Abstract**

The article aims to analyze the institutional ceremonies of the Leprosary of Marituba-PA, from 1940 to 1970, as a process of educating the senses and sensibilities of the former inmate Geraldo, a hospital city built in an area of 375 hectares of virgin forest, which housed a hospital, pavilions, houses, movie theatre, churches and many other spaces to perpetually hospitalize hundreds of lives that were infected by the *Mycobacterium leprae* bacillus. Inspired by hybrid thematic oral history, we combined an oral source with documentary sources such as the *Album of anti-leprosy organizations* (1948) and the newspapers *O Estado do Pará* (1942) and *Folha do Norte* (1942). We used as theoretical references: Bosi (1994), Foucault (2014), Goffman (1974) and Oliveira (2012). The leprosarium constitutes a city of exclusion that went beyond the function of segregating to cure and represented processes of an education built from the relationships of dialogical stimuli between the inmate and the institution.

**Keywords:** Leprosy; Institutional ceremonies; Education.

## Introdução

Foi final dos 52, 53, por aí assim, apareceram os primeiros sinais da minha doença, umas manchas vermelhas [...]. Quando foi no ano de 1954, né, eu comecei a ficar com defeito na mão. E minha mãe levou pra esse médico e ele realmente diagnosticou que eu estava doente [...]. Porque doença pra encolher o dedo, naquela época, era Hanseníase mesmo, né?! (GERALDO, 2019).

A narrativa de Geraldo nos dá a dimensão dos sentidos, sensibilidades e das marcas de uma doença identificada tardiamente na infância. Natural da Ilha das onças, região ribeirinha banhada pela Baía do Guajará, distante a 30 minutos da capital Belém, Geraldo, assim como muitos doentes, enfrentou a lepra ainda criança numa época que a sociedade e a medicina consideravam a doença uma sentença de morte, restando-lhe a internação no Leprosário de Marituba-PA<sup>21</sup>.

O universo institucional é tecido a partir de fios de memória deixado por um intérprete<sup>22</sup> que narrou sua estada no Leprosário, onde foi internado no dia 12 de setembro de 1954, aos 10 anos de idade. Narração que, segundo Eiró (2017), faz um resgate do coração, que possibilitou incidir luz sobre o Leprosário de Marituba, no estado do Pará, pois rememorar significa narrar o que sabemos “de cor”, de coração, revelando um percurso que compreende os sentidos e as sensibilidades do intérprete.

Analisamos neste artigo as cerimônias institucionais do Leprosário de Marituba, no período de 1940 a 1970, como processos educativos com um olhar sensível que foi estabilizado nos sentimentos do interno, nas emoções, nos afetos, no comportamento e na linguagem do indivíduo. Segundo Oliveira (2020, p. 32), os estudos históricos sobre os sentidos e as sensibilidades nos lançam o “desafio de compreender as respostas individuais e coletivas que todos dão aos impulsos que recebem do meio”, seja ele do ambiente, natureza, cultura ou sociedade, onde novas formas de agir e pensar são forjadas ou mobilizadas em relação as antigas, podendo ser perduradas, esquecidas ou ressignificadas durante o período da internação e pós-internação.

Ancora-se na História Oral híbrida que possibilitou inter cruzar as narrações do ex-interno com documentos oficiais, possibilitando o encadear da imprensa e a experiência (FREITAS, 2006) ocorrida no Leprosário de Marituba. Tecer fios de memórias é tecer história, valores e percepções de quem viveu um tempo singular, que ao mesmo tempo é

---

<sup>21</sup> A Vila operária de Marituba, desde sua fundação, está ligada à estrada de ferro Belém-Bragança, onde foi construída uma vila de casas para abrigar os operários e demais funcionários que participavam da execução da estrada; ficava localizada a 16 km da capital Belém (SOUZA-ARAÚJO, 1948).

<sup>22</sup> *Intérprete* é um termo utilizado por Portelli (2016), designando pessoas que narram sua memória para contribuições em pesquisas de cunho oral.

implacável com quem guarda essa história. As narrações selecionadas do ex-interno na instituição ainda criança são *cocriadas* e transformadas como fonte a partir de uma relação dialógica em uma entrevista, constituindo-se literalmente como “troca de olhares” (PORTELLI, 2016, p. 10).

A entrevista realizada com Geraldo possibilitou-nos identificar as cerimônias e festividades que ocorriam nos espaços do Leprosário. A narração do ex-interno vem carregada de experiência de um sujeito que efetivamente passou anos na instituição, construiu uma percepção das conjunturas sociais e estruturas ideológicas que permearam a dinâmica diária dos doentes na instituição. Suas lembranças o legitimam como um sujeito testemunho da história do Leprosário, as sensibilidades e sentidos dos internos diante da doença, do isolamento no sistema da Colônia e de ensinamentos vividos durante a internação.

A História oral proporcionou o constituir de uma matéria-prima, a narração, contribuindo assim para a “reconstrução mais realista do passado” (THOMPSON, 1992, p. 25). Trata-se de considerar as narrações não somente com seu cunho bibliográfico, mas como “elos importantes na construção de espaços escolares e dos processos educativos não escolares” (GALVÃO; FONSECA, 2017, p. 83), pois sem eles não haveria muito a se dizer sobre um determinado período.

O presente estudo está assentado no campo da História Social na Amazônia, focalizando os processos de vivência do ex-interno, Geraldo, do Leprosário de Marituba, uma vez que estudar os sentidos e sensibilidades dele implica desvelar a singularidade da instituição e considerar os ensinamentos para o fortalecimento da cultura dos internos como ponto fundante deste artigo. Para tanto, nos propomos, de um lado, a estudar as cerimônias realizadas no espaço do Leprosário, a arte do ensinar a fazer a cultura institucional como forma de aproximar o doente do mundo externo; de outro lado, ao abordar pela História Social as intersecções entre o recorte humano e suas relações que atravessaram a microcidade leprosa, gostaríamos de entender uma parcela singular de “determinados grupos sociais na tentativa de compreender como se organizavam” (OLIVEIRA, 2012).

O estudo se perfaz na História Social, por abrigar um campo interdisciplinar com as ciências sociais e de fatos que não estão isolados, o que comumente é característico desse campo de pesquisa. Trata-se de uma ciência em que não existe uma exclusividade, mas compreende todas as realidades, seja econômica, social, política, dos sentimentos, que interagem entre si, evitando assim o empobrecimento da pesquisa (BARROS, 2005).

O trabalho figura-se como um sistema de relações e sentidos que são tão reais quanto dados materiais, possibilitando a compreensão do lugar ocupado por um grupo de crianças anônimas e espontâneas – hoje ex-internos, como o senhor Geraldo –, que hoje se tornam foco de pesquisas, para rememorar a antiga instituição, com os seus sentidos e sensibilidade de interno. Um espaço agora demarcado não somente por grandes “heróis da narrativa”, mas por pessoas simples (CHARTIER, 2002).

Ao analisar as memórias dos sujeitos, por meio da técnica metodológica de coleta de narrativas orais, compreendemos as diversas formas de sentidos e sensibilidades, seja o olhar, o tato, o olfato, a audição ou o paladar, ou seja, chegamos à chamada sensibilidade individual. Os processos dos sentidos e das sensibilidades são partes essenciais na formação do sujeito, “entendido como autoconstrução dos indivíduos e dos grupos sociais na sua relação com a cultura e com a sociedade” (OLIVEIRA, 2014, p. 178).

Logo, compreender o cotidiano das sociedades, os processos de socialização dos indivíduos, práticas cotidianas, cerimônias religiosas ou cívicas, produções artísticas e até mesmo transmissão de saberes técnicos, é reconhecer os processos que podem estar imbuídos de sentidos pedagógicos e de sensibilidades, que são identificados nas pesquisas exploratórias do objeto e que apontam para a necessidade de ser sistematizados para compreensão do passado (GALVÃO; FONSECA, 2017).

Nesse sentido, a História da Educação tem se dedicado a investigar instituições que existiram e que por algum motivo encerraram seu funcionamento, buscando assim uma história do passado (SANFELICE, 2007). Isto é, como um domínio do saber capaz de proporcionar a compreensão das discontinuidades de cada tempo, permanências e sobrevivências dos sentimentos e sentidos de um determinado período, permitindo reflexões sobre um determinado tempo e espaço a ser pesquisado (MAGALHÃES, 1999).

A educação no Leprosário de Marituba-PA foi analisada não somente por sua estrutura socialmente rígida, mas por seus dispositivos de poder junto ao corpo internado (FOUCAULT, 2014). Isto é, o “*entre-lugar*” do corpo que (re)integra dialogicamente pessoas e coisas, ideias e ações, representações e comportamentos, “vetor por excelência de experiências que produzem e reproduzem a vida para a compreensão da particularidade educativa que foi desenvolvida com as crianças internadas (OLIVEIRA, 2020, p. 32).

As memórias representam um encontro social e cultural, pois há uma riqueza de cerimônias e uma diversidade de fatos que não conhecemos e que podem chegar-nos pela memória (BOSI, 2004). Bosi (2004) nos oferece um conjunto de possibilidades de compreensão das mudanças nos padrões de sensibilidade em um dado tempo e lugar, permitindo inquirir como os sujeitos da ação dispuseram dos seus corpos ao longo de suas

vidas, como interagiram com o mundo, como reagiram aos imperativos sociais e culturais, como capitaram e fizeram daquilo que os sentidos lhes ofereceram (OLIVEIRA, 2020).

Assim, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, abordamos a dinâmica do Leprosário como cidade-colônia e sua ressignificação em lar para abrigar os doentes, sobretudo os sentidos e sensibilidade do lugar de isolamento e segregação. Na segunda, destacamos as cerimônias e festividades ocorridas nos espaços do Leprosário como política de minimizar o isolamento dos doentes, ressaltando a busca da integração dos internos ao mundo social.

### **A cidade da colônia ressignificada em lar: sentidos e sensibilidades do lugar da internação e exclusão**

Cenas, paisagens, atitudes e vivências ocorridas no espaço da cidade-colônia são carregadas de sentidos e sensibilidades nos relatos de Geraldo. Ele revela que os doentes enfrentavam o estigma da doença; além disso, perdiam a sua cidadania, pois seus direitos eram suspensos. Os doentes enfrentavam um espaço de luta e resistência que triunfaram sobre o poder extensivo em torno de uma doença tão estigmatizada, como evidencia o relato:

*O que era que acontecia com a pessoa doente? Ele perdia a cidadania dele no caso, ele era tratado como se tivesse seus direitos de cidadãos suspensos. Certo? [...] fato de dizer que você estava leproso, você tinha que vim aqui pra colônia [...] tomei conhecimento de muitas histórias que marcou a luta de muitas pessoas, lutas, fracassos (GERALDO, 2019).*

A lepra<sup>23</sup>, segundo o *Manual de Leprologia* (BRASIL, 1960), alastrou-se pelo Brasil paralelamente ao processo colonizador brasileiro. Esse alarmante quadro evolutivo da lepra em solo nacional se perpetuou inclusive na Amazônia, onde desde o início do século XIX até o século XX, no Estado do Pará, a doença foi considerada endêmica.

Para solucionar as questões endêmicas, o Brasil, na década de 30, buscou mecanismos de controle social e com base em ideais europeus, instituiu políticas permeadas por ideologias de recuperação do híbrido racial, assim como um projeto de desenvolvimento nacional baseado em teorias eugênicas (STHEPAN, 2004). Desse modo, a reclusão dessas pessoas contaminadas pela lepra em solo brasileiro aconteceu

---

<sup>23</sup> Utilizaremos o termo *lepra* por ser a palavra corrente nos documentos consultados. Todavia, temos consciência do sentido pejorativo da palavra, pois carrega em si um estigma social. Ela deixou de ser utilizada tecnicamente a partir da Lei Federal nº 9.010/1995, sendo substituída pelo termo *Hanseníase*.

em cidades-hospitais<sup>24</sup>, espécie de instituição padrão – com moldes noruegueses –, objetivando a preservação da saúde da comunidade sadia e oferecendo condições necessárias ao doente e suas necessidades básicas (AMORA, 2009).

Essas políticas de isolamento ganharam celeridade no governo Getúlio Vargas, mediante diversos acordos entre os estados brasileiros que visavam o desenvolvimento nacional e a limpeza social. Segundo Bessa *et al.* (2015), as políticas sanitárias propuseram que as várias instituições hospitalares fossem construídas em áreas distantes dos centros urbanos, pois, devido ao crescimento populacional, a endemia poderia se alastrar rapidamente se os leprosários fossem construídos perto das cidades. Destacamos que no cenário paraense foram instalados três leprosários para atender a população, são eles:

**Quadro 1** – Lazarópolis no Estado do Pará.

<b>Leprosários paraenses</b>	<b>Ano de fundação</b>	<b>Distância da capital</b>
<b>Asilo do Tucunduba</b>	1815	Periferia da capital (Belém)
<b>Lazarópolis do Prata</b>	1924	110 km
<b>Colônia de Marituba</b>	1942	16 km

Fonte: Cristo, 2019.

Esses espaços de internação integrariam o conjunto de 40 leprosários brasileiros, envoltos em uma política rígida que estaria baseada em um tripé profilático: 1) o leprosário, destinado aos doentes já identificados; 2) o dispensário, que serviria para as pessoas que tiveram contato com o doente e que deveriam ficar em observação; 3) e o preventório, destinados aos filhos gerados pelos internos durante a sua internação (COELHO; ROTTA, 2013).

Nesse cenário de exclusão, emergiu o Leprosário de Marituba, na década de 40, em meio ao regime de tratamento compulsório da lepra, que impulsionou o Estado do Pará à adesão da política nacional de combate à endemia, implementado pelo Serviço Nacional da Lepra – SNL (CASTRO, 2017). O espaço seria um grande plano higiênico para Região Norte, integrado ao plano maior de saneamento da Amazônia. O próprio

---

<sup>24</sup> A cidade jardim seria uma espécie de ilha ou continente utópico, construção de um lugar totalmente novo, isolado e perfeito. O conceito de cidades-hospitais surge dessa contextualização, que buscava soluções para as cidades que estavam sujas e doentes, além de proteger – utopicamente – a sociedade de doenças contagiosas; deveriam estar isoladas em ambientes especificamente desenhados (AMORA, 2009).

presidente Getúlio Vargas esteve em Belém para dar encaminhamento, junto ao poder público, à construção da leprosaria de Marituba (FOLHA DO NORTE, 1942, p. 13).

O local foi idealizado por Souza-Araújo – importante médico leprologista/sanitarista do período, o mesmo que também idealizou a Lazarópolis do Prata em Igarapé-Açú. A construção do Leprosário de Marituba teve início no ano de 1938 e foi inaugurado em 15 de janeiro de 1942, destinado inicialmente a 1.000 doentes (SOUZA-ARAÚJO, 1924).

**Imagem 1** – Leprosário de Marituba, década de 40.



**Fonte:** SOUZA-ARAÚJO, 1948, p. 117.

O Leprosário, conforme a imagem 1, contou com o investimento de 4 mil contos do Governo Federal e uma área de 1 e 1/5 km de frente e 2 e 1/2 km de fundo, totalizando uma área de 375 hectares de mata virgem a ser ocupada pelas edificações que serviriam a instituição (SOUZA-ARAÚJO, 1941). Ao fundo, a instituição é margeada pelo rio Maguari e nas delimitações opostas vê-se a mata, que, segundo Castro (2017), serviria de barreiras naturais para dificultar a fuga dos internos.

Na organização estrutural da instituição, o espaço de casas de abrigo que recebia os doentes contava com 16 pavilhões “carville” – modelos dos EUA –, 2 pavilhões de crianças, casa germinadas, cozinhas, refeitórios, área para diversão, área de abrigo para a administração. Além disso, as instalações apresentavam boas condições de funcionamento, energia elétrica e abastecimento de água. De acordo com a notícia do jornal à época:

Tem ótimas instalações de água e esgoto, além de uma usina elétrica. Possui 16 pavilhões “carville” com capacidade para 28 doentes em cada um; 23 casas germinadas para abrigo de casais doentes e dois pavilhões para crianças. Possui além disso, pavilhões de refeitórios, cozinhas, de diversões. Na zona intermediárias, ficam as casas dos enfermeiros, irmãs de caridade, médico e funcionários da administração (O ESTADO DO PARÁ, 1942, p. 1).

Os traços da arquitetura hospitalar e a dinâmica de sua ocupação nas casas e pavilhões são muito bem relatados na fala de Geraldo. O complexo da Colônia de Marituba estava organizado em pavilhão feminino, pavilhão infantil, escola e lavanderia.

*Tinha as casas, e as casas... como tinham poucos casais aqui, algumas casas como ficavam vazias [...] pavilhão feminino, infantil, de frente ali a paróquia [...] escola [...] descendo aquela rua que ficava a lavanderia [...] tinha o pavilhão juvenil feminino, onde ficavam as mocinhas, 14 a 18 anos (GERALDO, 2019).*

Apontamos que, a partir da entrada do Leprosário, estavam localizados outros espaços, são eles: prédios da administração, delegacia, casas para médico, enfermeiro, religiosos, administração, garagem, almoxarifado, biblioteca, padaria, cozinha, capela mortuária, cemitério, vala de oxidação, escola e igreja (HISTÓRICO DA COLÔNIA DE MARITUBA, [193-]). Esses espaços contribuíram para que a instituição ganhasse ares de cidade, porque, a partir dessa composição local, não haveria a necessidade de os internos saírem. Havia uma preocupação não somente de isolamento dos doentes na instituição, mas também a preocupação com a doença ainda pouco conhecida pela população à época – principalmente quanto aos modos de contaminação –, daí a criação de um cemitério para enterrar os internos que faleciam na instituição (SILVA, 2009).

Embora com toda a rigidez que norteava o comportamento dos doentes no Leprosário, a pesquisa para esta análise evidenciou flexibilidade no trânsito dos funcionários no cotidiano da instituição. Era estabelecida a saída de funcionários do Leprosário após o término da jornada de trabalho. Durante os turnos, eles não permaneciam no mesmo ambiente dos internos. Nesse sentido, Michel Foucault (2014) nos orienta no conceito de organização espacial e social, obedecendo hierarquias do sistema hospitalar, o processo de isolamento, disciplinamento e controle na organização do Leprosário:

*As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. [...]. São espaços mistos: reais, pois regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois se projetam sobre as organizações [...]. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis e perigosas em multiplicidades organizadas (FOUCAULT, 2014, p. 145).*

O Leprosário de Marituba promoveu processos educativos em seu cotidiano. Apesar de se revelar um campo rico e polissêmico para temáticas de pesquisas a serem desenvolvidas sobre leprosários, ainda são tímidos os estudos que analisam esse tipo de instituição como espaço educativo (CRISTO, 2019).

No levantamento que realizamos no campo da História da Educação no Pará, especialmente, com foco em instituições educativas, encontramos uma diversidade de estudos como colégios, internatos, asilos, orfanológicos etc., contudo, as instituições hospitalares e leprosários, objeto deste artigo, não aparecem com frequência (ALVES; COSTA; PINHEIRO, 2018).

As memórias de Geraldo, ex-interno, que teve os pés no chão da instituição ainda muito pequeno, possibilitou-nos acompanhar o seu percurso como paciente no Leprosário, pois, como aponta Bosi (2004, p.20), “relembrar não é reviver, mas refazer-se. É reflexão e compreensão do agora a partir do outrora”.

A instituição aqui abordada traz em sua construção uma densidade de dimensão histórica, cultural, social e educacional, na qual o historiador seria uma espécie de “eletricista” capaz de reestabelecer as conexões, sejam elas nacionais ou internacionais (GRUZINSKI, 2003). Este artigo tem como objetivo rememorar história de vida de internos do Leprosário de Marituba, no Pará, trazendo um passado vivido com sentidos e sensibilidades, possibilitando-nos enxergar e conhecer a instituição com o olhar de um ex-interno.

### **As cerimônias nos espaços do Leprosário e a inter-relação social dos internos**

Na internação no Leprosário de Marituba para tratamento da doença, predominava o isolamento num sistema de colônia – modelo defendido pelas autoridades sanitárias –, e a segregação dos doentes. Os internos ficavam por longo tempo na instituição isolados na cidade-colônia sob o regime de isolamento social. Eles experienciavam um cotidiano rígido e de total controle no modo de morar, vestir, relacionar-se e de inúmeras outras formas de controle sobre os corpos (OLIVEIRA, 2020).

Um entre-lugar criou-se a partir das relações institucionais, destinadas ao tratamento médico a que cada sujeito interno deveria ser submetido, e a percepção do internado, quanto ao conjunto de normas que a cultura hospitalar do Leprosário impunha como método de controle e organização (OLIVEIRA, 2020). As concepções e estímulos emanados da instituição passam a ser (re)significados em meio as cerimônias que ocorriam periodicamente no local, aliviando assim o processo de internação.

Essa experiência de mundo externo junto a seus festejos é utilizada como referência para demonstrar como a vida no interior da instituição podia ser aprazível, reduzindo assim a tensão entre os dois mundos – externo e interno – de maneira favorável ao corpo dirigente. Esse “pouco” do mundo externo recebido pelo doente representaria

uma de quatro táticas de adaptação do internado, a “colonização”<sup>25</sup>.(GOFFMAN, 1974, p. 59-60).

Esse sentido resoluto de aproximação entre os dois mundos, da direção e a formação de unidade, se apresenta em várias ações desenvolvidas na instituição, inclusive aplicados nas cerimônias e festividades realizadas no interior do Leprosário.

Seja por imitação – através dos quais os internados e *um conjunto de práticas institucionalizadas – seja espontaneamente*, a equipe dirigente chegam a ficar suficientemente perto para ter uma imagem um pouco mais favorável do outro, e a identificar-se a situação do outro. Tais práticas experimentam a solidariedade, unidade, e compromisso conjunto com relação à instituição, e não há diferença entre os dois níveis (GOFFMAN, 1974, p. 85. Grifo nosso).

A aproximação entre a equipe dirigente e os internados no Leprosário de Marituba aconteceu em diversos momentos festivos. Os festejos periódicos eram responsáveis por tomar a experiência de “dor” da internação e exclusão social, e substituir por risos, planos, estratégias, trabalho em grupo e a grande apoteose, o dia da festa. Havia uma diversidade de festejos durante o ano no espaço do Leprosário, como datas comemorativas civis – Carnaval, 7 de Setembro –, eventos religiosos – Círio de N. Sr.<sup>a</sup> de Nazaré, Natal (montagem do presépio e encenação das pastorinhas) e festas juninas – e momentos recreativos – jogos de futebol, sessões de cinema e apresentações teatrais. Esses momentos transformavam o cotidiano institucional tornando-o mais leve e acolhedor, além disso era uma forma de promover uma rede de relações entre os internos. Essa cultura institucional ressignificada pelos internados, apresenta uma feitura de objetos, ornamentos, falas, comportamentos, e tantos outros elementos que moldam, que ensinam. Esses ensinamentos ficavam a cargo dos próprios internados, como bem descreve Geraldo:

*O pessoal internou, ficou aquele monte de gente aqui fazendo o que? Aí o pessoal já começou a pensar no futebol, criaram o time de futebol pro pessoal jogar, criaram o grupo de teatro que fazia apresentação e, no aniversário do diretor, geralmente era comemorado, se fazia uma festa, se fazia encenação teatral [...]. Tinham dois blocos [...] o Círio [...] a festa junina geralmente eram boas (GERALDO, 2019).*

Essa dimensão estética da vivência e experiência dos internos durante as festividades, de certo modo, ampliavam as relações dialógicas entre a instituição e o interno, contribuía para a formação dos sujeitos gerenciados pelo processo de

---

<sup>25</sup> Segundo Goffman (1974), o internado passaria por diferentes táticas de adaptação, seriam elas: afastamento da situação, tática da intransigência, colonização e adaptação.

medicalização social, à medida em que foram constituídos no mesmo movimento dialógico que foram construídos pela voz do(s) outro(s) (OLIVEIRA, 2020).

De acordo com Geraldo, as cerimônias e festividades eram marcadas como forma de preenchimento do tempo cotidiano, revelando a quebra da hierarquia e afazeres institucionais, ocasionando um ambiente mais acolhedor e minimizando o sentimento de segregação que a doença desencadeava em todos os internos.

De todos os momentos de festividades ocorridas nos espaços do Leprosário, três eram muito prestigiadas pelos internos: Carnaval, jogos de futebol e Círio da padroeira. No período do Carnaval, mês de fevereiro, a alegria tomava conta da instituição com desfiles de blocos. Havia paetês, tecidos diversos, fantasias e planos para uma apresentação apoteótica, ou seja, a energia do Carnaval contagiava e unia os internados de modo geral.

Comemorações como Carnaval e futebol eram disputadas em dois grupos distintos. O Carnaval envolvia todos os internos com a confecção das fantasias e criação de enredos a portas fechadas. Todo o evento era autorizado pelo grupo dirigente e contava com uma verba para ajudar nos custos das fantasias e adereços. O clima era de muita euforia e rivalidade em razão da grande disputa entre os blocos: “Traz aqui” e “Os casadinhos”, conforme destacou Geraldo:

*Tinham dois blocos, o primeiro chamava de “Trais aqui” e o outro chamava-se “Os Casadinhos” [...] eu sei que tinha uma grande rivalidade entre eles, geralmente era o mais querido porque o “Os casadinhos” era mais de família e tal. Faziam fantasia, a Colônia, a direção da Colônia conseguia, que tinha algumas verbas que vinham pra cá, com essa verba eles compravam as fazenda, os panos né e cada um fazia seu orçamento [...] diretor trazia entregava e cada um se virava pra fazer a sua fantasia, cada um montava sua equipe de costureiro e cada um bolava como se fazia (GERALDO, 2019).*

A apoteose contou com um palanque; as apresentações deveriam passar em frente à estrutura montada para o evento. Era o momento de apresentar toda a criação feita em horas de dedicação e empenho pelos brincantes. Risadas, batuques e as performances aconteciam em frente ao pavilhão Cassino, prédio que abrigava uma espécie de espaço de lazer, que comportava local para jogos (sinuca, dama, dominó), leitura, sessões de cinema e teatro, com acomodações para doentes e visitantes.

**Imagem 2** – Pavilhão Cassino, década 70.



**Fonte:** Cristo, 2019.

A imagem 2 apresenta o Cassino, prédio que servia, como já mencionado anteriormente, como espaço de recreação e de realização de eventos como o Carnaval e de apresentação de companhia de danças e pássaros juninos. Era um Lugar de encontros e flertes entre os internos. Amora (2009) aponta em seu trabalho, *Utopia ao avesso nas cidades muradas da hanseníase: apontamentos para a documentação arquitetônica e urbanística das colônias de leprosos no Brasil*, que os leprosários que possuíam o pavilhão de diversões, ou cassino, como o narrador descreve; eram leprosários de grande porte, pois nem todas as colônias hansenianas possuíam o local, logo, podemos considerar a Colônia de Marituba como um leprosário de grande porte.

No Leprosário também havia um grande campo de futebol, denominado São Domingos, que atraía os internos do sexo masculino. Os jogos eram realizados com certa frequência, em especial quando havia a comemoração de aniversário do diretor e médico Chaves Rodrigues, que era festejado no dia 7 de setembro. Essas relações festivas proporcionaram a construção de um ambiente “não-estruturado” ou “igualitário”, e até mesmo a abertura dos portões da instituição, resultando numa visão de que a colônia de doentes tinha uma vida normal, relacionado a dias festivos e jogos.

Os jogos ganhavam espaço e torcida, principalmente, em dias de festejos em homenagem ao diretor da instituição. Os craques que formavam o time eram compostos pelos próprios internados. Como em todo jogo, havia duas torcidas: a que torcia pelo Perseverança e a do Nacional, times fundados entre os anos de 1955 e 1956. Para estimular um campeonato, foi criado o time Progresso. O time Perseverança se apresentava com um uniforme preto e branco; o time Nacional, com uniforme em branco e azul; já o Progresso usava uniforme vermelho, cores da bandeira do Pará. Esses eram os times responsáveis por animar a torcida em algumas manhãs no Leprosário.

**Imagem 3** – Time Perseverança e o diretor Chaves Rodrigues (em destaque).



**Fonte:** Cristo, 2019.

A imagem 3 revela oficialmente os jogadores do time Perseverança, registrando a homenagem ao médico/diretor Chaves Rodrigues. Após o campeonato, no refeitório central, havia almoço direcionado aos participantes do evento. Nesses momentos, os internados tinham aproximação e comunhão com a direção hospitalar e havia um rompimento da hierarquia social.

Alguns eventos contavam com a participação da outra colônia, a do Prata, assim como os campeonatos de futebol. Essas trocas ocorriam nos mais diversos festejos e eram recíprocas. Conforme relata Geraldo, os torneios de futebol mobilizavam toda a Colônia e incentivavam os internos a participar intensamente no apoio aos times.

*Eu era do Nacional. Mas era assim, era determinada época do ano e as vezes o pessoal do Prata convidava a gente pra jogar lá, aí convidavam o Perseverança, aí tinha uma festa de repente, aniversário da Colônia eles convidavam, levavam seleção nossa aqui pra jogar com a seleção deles lá, né, e eles vinham de lá. Teve uma época que veio dois times de lá, veio o Prata e o Maracanã no caso, né, e aqui tinha o Nacional e o Perseverança, aí formamos um torneio: jogava Nacional e Prata, Perseverança e Maracanã, quem ganhasse, os ganhadores se enfrentavam pra disputar o título, geralmente era assim (GERALDO, 2019).*

Essa participação entre times de diversas colônias era comum, pois os internos tinham uma boa receptividade, especialmente, quando chegava o dia do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. A diretoria do Leprosário e os internos buscavam realizar uma cerimônia com elementos religiosos e profanos da festividade do Círio. Era indispensável após a procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo espaço do Leprosário o almoço de confraternização do Círio. Havia geralmente uma mesa farta com comidas típicas, como maniçoba, vatapá, pato no tucupi, porco e tantas outras iguarias da culinária

paraense. A igreja lotada atraía inclusive visitantes a Colônia. Os portões ficavam abertos para o livre acesso dos convidados e parentes dos internados.

**Imagem 4** – Celebração do Círio Nossa Senhora de Nazaré, década de 70.



**Fonte:** Cristo, 2019.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré era uma cerimônia realizada na Colônia que acontecia todo ano durante a homenagem à padroeira dos paraenses. Oficialmente, ainda acontece no segundo domingo do mês de outubro. Mas, exilados no Leprosário, os doentes só podiam acompanhar as informações da grande procissão pelo rádio. Para não comprometer essa cultura, decidiram festejar a padroeira no segundo domingo de novembro. Segundo informações de Geraldo, o primeiro Círio aconteceu em 15 de novembro de 1942, com saída da capela mortuária em direção ao prédio Cassino.

*15 de novembro! Que era o segundo domingo. Eles fizeram uma procissão daí até o Cassino, agora a gente não sabe se ela foi direto na rua, né [...]. Foi a primeira procissão feita aqui [...]. Teve um tempo entre 1949, 1950, 1951 por aí assim [...] quando tinha o Círio de Belém sempre vinha um grupo de artistas do sul se apresentar no teatro que ficava ali perto do arraial de Nazaré [...] uma turma famosa mesmo, esse pessoal sempre que eles vinham se apresentar em Belém a turma trazia eles pra se apresentar aqui [...] veio Nelson Gonçalves, vários artistas vieram (GERALDO, 2019).*

Geraldo narra que algumas pessoas não consideravam essa festa religiosa tão importante como o Círio da capital, por não haver padre na procissão. Posteriormente, a procissão do Círio no Leprosário ganhou requintes semelhantes à procissão oficial, tanto que passou a ter banda de música, berlinda com flores naturais e mantos bordados pelos próprios pacientes – como ícones representativos na festividade do Círio de Nazaré. A

procissão interligava os internos com a tradição religiosa mais forte da Região Norte. Era uma festividade religiosa muito esperada pelos internos em razão da programação do Arraial com a presença de artistas locais e nacionais que se apresentavam na Colônia.

**Imagem 5** – Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, década de 70.



Fonte: Acervo do pesquisador, 2019.

A imagem 5 expõe o altar em mármore da capela do Leprosário e um grupo coral, acompanhado por um instrumento identificado por Geraldo como “harmônico”, trazido de uma viagem realizada por Padre Marcos Schawalder, que foi homenageado pelo município de Marituba ao colocar o nome desse presbítero em uma escola. A capela tem valor simbólico aos ex-internos, pois ela foi construída pelos próprios internos da época e financiada pela Liga contra Lepra, órgão com fim social que arrecadava fundos para financiar obras em leprosários. Música, bingo e à frente da capela um coreto com luzes a cintilar o tradicional parque, assim acontecia a cerimônia religiosa herdada pela cultura dos ex-internos.

### **Considerações finais**

Memórias de um lugar redesenham o que outros olhos não contemplaram. Conceber o leprosário com o olhar do ex-interno, é conceber os sentimentos, ressentimentos, momentos de alegria e diversão como processo formativo e de alívio, ou seja, de vidas que se refizeram em um lugar de exclusão. Compreender esse rememorar do ex-interno Geraldo, é contemplar o entre-lugar dialógico entre corpo e natureza, ideias

e ações que foram responsáveis pela formação educativa dos doentes e sua caminhada diária na instituição.

Esses sentimentos e sensibilidades podem ser alcançados nas memórias e narrativas de Geraldo, que revelam uma dimensão cultural e simbólica dos sujeitos durante sua internação no Leprosário de Marituba, que atravessaram e reconstruíram a cultura desenvolvida na instituição a partir das histórias de vidas reelaboradas.

Assim, os estudos históricos dos sentidos e das sensibilidades vêm revelar a expressividade e potência presentes nos sujeitos que viveram no Leprosário de Marituba, nos anos de 1940 a 1970. Enfim, foi possível identificar as cerimônias ocorridas nos espaços da instituição colônia e, de certo modo, permitindo o esquecimento da política de isolamento compulsório que atravessou a vida de cada interno. Portanto, as narrativas de Geraldo nos permitiram conhecer as cerimônias que aconteciam anualmente na instituição, como também, as ressignificadas dos festejos de Carnaval, jogos de futebol e o Círio, dentre tantas outras manifestações culturais existente e festejadas no Leprosário.

Sentimentos, comportamentos, atitudes, relações de trocas e forma dialógica foram reveladas nas narrativas do ex-interno. A inter-relação entre a cultura institucional e a dimensão da vida concreta dos internos extrapolaram a formação educativa da instituição. Os sujeitos que viveram no Leprosário de Marituba (re)significaram a internação, trocaram experiências, amenizaram a dor durante as cerimônias.

Indubitavelmente, Geraldo rompe com o silêncio no entorno do Leprosário de Marituba, já que resgata as memórias e as vivências cotidianas dos internos que passaram pelo isolamento compulsório e que encontravam nas cerimônias uma forma não somente de minimizar a doença, mas um meio de ressocialização com o mundo externo. As informações narradas por Geraldo traçam de maneira detalhada o quadro da doença no Pará e a história da Colônia por meio de uma rede de significações que dimensionavam os sentidos e sensibilidades dos doentes tão estigmatizados pela doença.

Além disso, o ex-interno traz as experiências dos internos durante as cerimônias religiosas que eram carregadas de sentimentos de valorização da vida. Portanto, esses momentos nos espaços do Leprosário provocavam de certa maneira uma ruptura no isolamento compulsório no Pará. A partir da realização de cerimônias sociais e culturais preconizava-se os sentidos e sensibilidades dos doentes na tentativa de minimizar o sofrimento, a dor, a perda dos direitos e as injustiças sofridas pelos leprosos que viviam apartados do meio social urbano por longos anos na Colônia de Marituba.

Ao ouvirmos a voz de Geraldo, buscamos dar significado às suas memórias e representações do tempo vivido em um lugar repleto de experiências silenciadas,

excluídas, oprimidas e invisibilizadas pela sociedade à época. Seus relatos dão a verdadeira dimensão da doença e do sistema compulsório que implementou a criação da instituição colônia, assim como a importância de seu testemunho na construção da história do Leprosário de Marituba na Amazônia Paraense.

## Referências

### Fontes

BRASIL. **Manual de Leprologia**. Publicado pelo Serviço nacional da Lepra, Rio de Janeiro, Gráfica da “Revista dos Tribunais” S. A. 1960. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicações/manual\\_leprologia.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicações/manual_leprologia.pdf). Acesso em: 30 abr. 2017.

FOLHA DO NORTE, Belém, 01/01/1942, p. 13. **Departamento de saúde do estado do Pará**. Arquivo do setor de Obras raras da Biblioteca Arthur Viana.

SOUZA-ARAÚJO. **Lazarópolis do Prata: a primeira Colônia Agrícola de Leprosos Fundada no Brasil**. Departamento Nacional de Saúde Pública: serviço de saneamento e profilaxia rural no estado do Pará. Belém: Empresa Gráfica Amazônia, 1924. Arquivos Abrigo João Paulo II, Marituba/PA e Setor de obras raras da Biblioteca Arthur Viana.

\_\_\_\_\_. **História da Lepra no Brasil. Vol. II. Período Republicano (1989-1946). Álbum das organizações antileprosas**. RJ: Imprensa Nacional, 1948.

HISTÓRICO DA COLÔNIA DE MARITUBA. Arquivo Abrigo João Paulo II - Marituba/PA (193-).

### Fonte oral

Geraldo Cascaes, em 25 de setembro de 2019.

## Referências

AMORA, Ana Albano. Utopia ao avesso nas cidades muradas da hanseníase: apontamentos para a documentação arquitetônica e urbanística das colônias de leprosos no Brasil. **Cadernos de História da Ciência**. Vol. 5. São Paulo, 2009. Disponível em: [http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-76342009000100003&lng=pt&nrm=iso](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342009000100003&lng=pt&nrm=iso) Acessado em: 02 fev. 2018.

ALVES, Laura Maria da Silva Araujo; COSTA, Luciana Dias; PINHEIRO, Wellington da Costa. **Assistência e educação da infância pobre nas instituições educativas do Pará nos séculos XIX e XX**. In: Revista Cocar. V.12. n.34. Jul-Dez, Belém, 2018, p. 343-371.

- BARROS, José D'Assunção. História social, seus significados e caminhos. **LPH – Revista de História da UFOP**, n.15, p. 1-23, 2005.
- BESSA, Brena Tavares; BELTRÃO, Jane Felipe; HENRIQUE, Marcio Couto; MIRANDA, Cybelle Salvador. **Santa Casa de Misericórdia e as Políticas Higienistas em Belém do Pará no Final do Século XIX**. 2015 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n2/0104-5970-hcsm-2015005000006.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2019.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças de velho**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, Manuela. **A Praga**. São Paulo: Geração Editorial, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A Beira da falésia: história das incertezas e inquietudes**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- COELHO, Maria José H. ROTTA, Vera. **Paredes invisíveis: políticas públicas e hanseníase na Amazônia brasileira**. Brasília, DF: Florianópolis Comunicação, estudo e consultoria, 2013.
- CRISTO, Moises Levy Pinto Cristo. **Labirintos da Memória: experiências educativas de ex-internos da Colônia de Marituba/Pa (1940-1970)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Pará, Pará, 2019.
- EIRÓ, Jessiléia Guimarães. As palavras nas memórias dos mestres: um resgate do coração. In: FARES, Josebel A (Org.). **Memória de mestre: Belém antiga em narrativas de professores**. Belém, PA: Editora Paka-Tatu, 2017, p. 85-132.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História cultural e história da educação. In: LINHALES, Meily Assbú; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (orgs). **Diálogos da História da Educação**. Ponta Grossa, PR: Estúdio Texto, 2017, p. 57-87.
- GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. **Estudos Avançados**, 17 (49), p. 321-342, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir nascimento da prisão**. 42. ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: procedimentos e possibilidades**. São Paulo: Humanitas, 2006.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História cultural e história da educação. In: LINHALES, Meily Assbú; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs). **Diálogos da História da Educação**. Ponta Grossa, PR: Estúdio Texto, 2017, p. 57-87.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAGALHÃES, Justino de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas, SP: Autores Associado, 1999, p. 67-72.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Entre a invenção e a tradição: possíveis contribuições da obra de Eric Hobsbawm para uma história social da educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Pensadores sociais e história da educação** v. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 63-80.

\_\_\_\_\_. Referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas em história da educação: para uma história das relações entre sensibilidades, tempo livre e formação. **Revista Esboços**, v. 21, n. 31, p. 171-193, ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Pesquisa sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades na história da educação: algumas indicações teóricas-metodológicas. **Revista História da Educação**, v. 24, p. 1-32. 2020.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANFELICE, José Luis. História das instituições escolares no Brasil. In: FRAGO, Antônio; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al (orgs.). **Instituições escolares no Brasil: um conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 75-139.

SILVA, José Bittencurt da. **A Ex-colônias de Hansenianos de Marituba: Perspectivas histórica, Sociológica e Etnográfica**. Paper NAEA 234, Maio de 2009. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/naea/pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2012.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (orgs.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004, p. 34-88.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado: História oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Moises Cristo**

Doutorando em Educação UFPA (2020). Mestre em Educação UEPA (2019). Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia UEPA (2008). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação e Infância na Amazônia (UFPA), do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia (UEPA) e do Grupo de Estudos e Pesquisa da História das Práticas da Saúde e das Doenças (UFPA). Tem experiência na área de educação, atuando na gestão e docência da Educação Básica. Possui experiência nos seguintes temas: instituições educativas, escola primária paraense, espaços educativos não escolares, processo educativo em Hospital Colônia/Leprosário, experiências

educativas e sociabilidades em memórias e história cultural. É associado da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).

**E-mail:** [moiseslevypintocristo@gmail.com](mailto:moiseslevypintocristo@gmail.com)

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0818-3668>

### **Laura Maria Silva Araújo Alves**

Professora titular da Universidade Federal do Pará. Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2019-2020). Mestre em Letras na área da Linguística pela Universidade Federal do Pará (1998). Tem pesquisado sobre a Historiografia da Infância e Educação na Amazônia, destacando a partir da história comparada as políticas de assistência, proteção e educação à infância desvalida no Pará e em Portugal para criação de instituições educativas para acolher, instruir e educar crianças nos sécs. XIX e XX. É líder do GEPHEIA (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Infância na Amazônia- UFPA-CNPQ). É membro associado da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e da Associação de Pós-graduação em Educação (ANPED). É representante Norte na SBHE. Participante do Grupo de Pesquisa Interinstitucional Educação de Mulheres nos séculos XIX e XX (UFRN-CNPQ).

**E-mail:** [laura\\_alves@uol.com.br](mailto:laura_alves@uol.com.br)

### **Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França**

Doutora em Educação em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2004). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1997). Atualmente é associada da Sociedade Brasileira de História da Educação e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Tem experiência na área da história da educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história das instituições educativas, intelectuais e impressos. Pesquisadora do Grupo História da Educação na Amazônia (GHEDA).

**E-mail:** [socorroavelino@hotmail.com](mailto:socorroavelino@hotmail.com)

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-6974-2606>

Recebido: 22/05/23

Aprovado: 30/06/23